

A MISSÃO DE DEUS COMO MARCA DA IGREJA?

GOD'S MISSION AS A MARK OF THE CHURCH?

Cesar Motta Rios¹

Resumo: A presente reflexão se estabelece a partir da pergunta sobre a pertinência de se elencar a “missão de Deus” como uma das marcas da igreja em uma lista que tem como base a conhecida lista de sete marcas proposta por Lutero. De início, busca-se entender a lista tecida pelo reformador. Em seguida, questiona-se se Lutero teria deixado a missão de fora de sua lista por falta de interesse no assunto, para, logo, investigar-se o real motivo dessa ausência. Acrescenta-se uma reflexão sobre a possibilidade de que, a partir de nosso contexto, acrescentássemos essa marca à lista. Com a negativa proposta, é necessário refletir sobre a relação entre igreja e missão. Por fim, estão algumas implicações práticas a título de conclusão.

Palavras-chave: Missão. Lutero. Marcas da igreja. Eclesiologia.

Abstract: This reflection is based on the question of whether it is appropriate to list “God’s Mission” as one of the marks of the Church on a list based on the well-known list of seven marks proposed by Luther. First, we seek to understand the list drawn up by the reformer. Next, we ask whether Luther left the Mission off his list due to a lack of interest in the subject, and then we investigate the real reason for this absence. Moreover, we reflect on the possibility that, based on our context, we could add this

¹ Pastor em Miguel Pereira – RJ. Licenciado em Letras – Espanhol (UFMG), bacharel em Letras – Grego (UFMG), bacharel em Teologia (ULBRA), especialista em Teologia e Ministério Pastoral (ULBRA), mestre em Estudos Clássicos (UFMG), doutor em Literaturas Clássicas e Medievais (UFMG), com pós-doutorado em Filosofia Antiga (UFMG). cesarmottarios@gmail.com

mark to the list. Since the answer is negative, it is necessary to reflect on the relationship between Church and Mission. Finally, we present some practical implications by way of conclusion.

Keywords: Mission. Luther. Marks of the Church. Ecclesiology.

INTRODUÇÃO

Esta é a pergunta proposta: A missão de Deus poderia ser colocada como uma das marcas da igreja? E, pelo contexto, sabe-se que, ao falarmos de “marcas da igreja”, estamos pensando na formulação muito conhecida de Lutero. Então, é possível entender que o que se pergunta é: “A missão de Deus poderia ser colocada como uma das marcas da igreja junto com as outras sete elencadas por Lutero?” Essa é a pergunta que dá início a esta reflexão, que, obviamente, nos requererá o enfrentamento de outras questões anteriores e subsequentes.

Antes de mais nada, lembro, a pergunta não surge, também, sem contexto. A reflexão é para ser apresentada no âmbito de um Simpósio Internacional de Missão. Confesso que isso pode produzir certa vontade de, com vistas a demonstrar uma valorização do assunto missão, tecer uma argumentação em favor da resposta afirmativa. Contudo, todos sabem que seria irresponsável reagir a uma questão teológica movido primordialmente pela expectativa da recepção.

Nosso percurso deve ser cauteloso. Proponho, então, que, primeiro, tentemos compreender o que Lutero faz ao listar as sete marcas da igreja. Temos aqui uma importante pergunta anterior: O que são essas sete marcas da igreja na proposta de Lutero? Encontramos, assim, um bom primeiro tópico.

Em seguida, antes de darmos a nossa resposta sobre haver ou não lugar para missão entre as marcas da igreja, precisamos lidar com um incômodo que a primeira pergunta deve colocar na mente de muitos luteranos: Por que Lutero não menciona missão entre as marcas? E essa pergunta surge por haver outra muito mais comum: Lutero não se interessava por missão? Afinal, se ele não se interessava, poderia estar nisso o motivo de a missão não figurar entre as marcas. Aqui, temos o segundo tópico.

Tendo entendido o valor da missão para Lutero, procuraremos, no terceiro tópico, o real motivo de sua ausência entre as sete marcas. Em seguida, poderemos ensaiar uma resposta nossa. Será uma resposta negativa: A missão não poderia ser uma marca da igreja acrescida às sete marcas propostas por Lutero. Esse será o quarto tópico. Um breve trecho. Justificar essa resposta não será difícil, tendo em vista o percurso trilhado antes dela. Então, será importante apresentar alguma consideração sobre o lugar da missão em relação à igreja. Assim, o último tópico nos levará de uma perspectiva negativa (o que missão não é com relação à igreja) a uma proposição positiva (o que ela é). Nesse passo, parto de uma abordagem bíblica, o que me parece, para um início de conversa, adequado, uma vez que se trata de pensar novamente o que a igreja é e faz. E uma coisa que a igreja faz é ouvir a Palavra de seu Senhor. Por fim, acrescento uma conclusão, com últimos apelos de arestas e alguma provocação, a partir do que já estará discutido.

O QUE SÃO AS MARCAS DA IGREJA NO "DOS CONCÍLIOS E DA IGREJA"?

Nos Artigos de Esmalcalde, documento que foi preparado com vistas a um possível Concílio, Lutero apresenta uma breve e simples definição de igreja: “os santos crentes e ‘os cordeirinhos que ouvem a voz de seu pastor’” (AE, XII, 1-2). Acrescenta que essa santidade da igreja vem da Palavra de Deus e da fé verdadeira. A definição ganha um caráter quase circular: a igreja é o conjunto dos *santos* que ouvem a voz de Cristo, os quais são *santos* por ouvirem a voz de Cristo. Contudo, essa quase circularidade da definição não parece tanto um problema, uma vez que é Cristo mesmo que lhe dá sustentação. É ele que entra na história e possibilita a mudança e a permanência das pessoas em sua santidade.

No Credo Apostólico, essa igreja tem atributos afirmados: é santa e católica. Lutero obviamente articula a *santa* igreja com a ação santificadora do Espírito *Santo*, por meio da Palavra (CM, Terceiro Artigo). Mas a santidade da igreja não é, nem nos Artigos de Esmalcalde, nem no Catecismo, apresentada como uma *marca* da igreja, assim como não será na conhecida lista das sete marcas.

É preciso estar claro que Lutero *não* se propõe, ao elencar as sete marcas da igreja, enunciar uma nova definição de igreja. Tampouco é seu

objetivo dizer tudo o que se pode dizer sobre a igreja, sobre seus atributos. Convém que busquemos discernir a *função* das sete marcas no próprio texto em que figuram, a Terceira Parte de *Dos Concílios e da Igreja*.

De início, Lutero discute justamente o que é a igreja, partindo do Credo apostólico: “Aqui o Credo explica claramente o que é a Igreja, a saber, uma comunhão dos santos, isso é, um grupo ou uma reunião de pessoas que são cristãs e santas, isso é, um grupo ou uma Igreja cristã santa” (LUTERO, 1992, p.404). Sua proposta é a mesma que está no Catecismo Maior, onde está claro que Lutero lê *sanctorum communionem* (comunhão dos santos)² como aposto de *sanctam Ecclesiam catholicam* (santa igreja católica), e não como mais um item crido (CM, Terceiro Artigo).

Sobre a santidade da igreja, é bom notar que Lutero não a atrela exclusivamente ao perdão conquistado por Cristo para nós, o que seria, segundo ele, erro dos antinomistas, mas também ao “abandono, purificação e mortificação dos pecados” (LUTERO, 1992, p.405).

Além disso, a igreja é católica, pelo fato de que igreja cristã e santidade cristã são designações gerais, “coisa comum de todas as Igrejas e cristãos no mundo” (LUTERO, 1992, p.406).

Após essa exposição inicial sobre *o que é* a igreja e, de certa forma, sobre atributos da igreja, Lutero chega à pergunta que nos conduz à lista das marcas da igreja: “Em que quer ou pode um pobre homem, cheio de dúvidas, reconhecer onde no mundo existe tal povo cristão?” (LUTERO, 1992, p.408). Perceba que a questão colocada tem uma perspectiva bem definida. Não se trata do conhecimento sobre a igreja em geral, mas sobre o acesso que nós, seres humanos limitados, temos a uma *percepção*, a um *discernimento* da presença desse povo, que é igreja, em um lugar. Por isso, as marcas da igreja são “sinais exteriores” (*eusserliche zeichen*).³

Portanto, não está em questão a existência da igreja, simplesmente, mas sua apreensão por parte de seres humanos, e não o conhecimento que o Deus todo-sábio tem dela. Além disso, não se busca aqui um

2 Gramaticalmente, é possível propor que o termo *sanctorum* poderia ser tanto um neutro plural quanto masculino plural. Como neutro, poderia indicar as “coisas santas” ou “coisas sagradas”. Seria possível, a partir disso, imaginar uma referência aos sacramentos. Não obstante, está muito claro que, no Catecismo Maior, Lutero sequer cogita tal possibilidade, mas que toma *sanctorum* como sendo masculino plural, indicando pessoas, não coisas.

3 Na grafia germânica de nosso tempo, *äußerliche Zeichen*.

modo de identificar um a um quem é ou não é parte da igreja. Não se busca ver ou medir a santidade nas pessoas, mas perceber a presença dos meios de santificação. Não se trata de uma identificação dos indivíduos que constituem igreja, mas de uma simples identificação da presença da igreja em um determinado lugar ao olharmos para um povo, para um conjunto de pessoas ali estabelecido. O que se busca discernir é a presença do “povo de Deus”, mesmo que entre eles haja cristãos falsos e descrentes, cuja existência em oculto não anula a santidade do povo de Deus (LUTERO, 1992, p.412).

Observe-se, ademais, que não se trata de avaliar instituições e conceder ou não a elas o título de igreja, fazendo crer que todos os que estão associados a essa instituição são verdadeiramente cristãos e santos. O objetivo é olhar para ajuntamento de pessoas e suas práticas e não para nomes, estruturas, estética e hierarquias. A querela contra uma visão institucional de igreja é muito bem marcada na reflexão de Lutero, por sinal (cf. FISCHER, 1966, p.164,165). Por outro lado, é preciso perceber que, para Lutero, a igreja oculta/invisível⁴ está em oposição a uma igreja falsa,

4 A expressão “igreja invisível” é usada afirmativamente em materiais comuns entre nós, como o livreto *O que ensinam os luteranos?*, de Karl Kretzmann, o comentário ao *Apocalipse*, de Johannes Rottmann, bem como a *Dogmática Cristã*, de John Theodore Mueller (e, por conseguinte, o *Sumário da Doutrina Cristã*, de Koeler). Contudo, Hermann Sasse a repudia tacitamente em seu *Aqui nos firmamos*, chegando a asseverar: “a distinção entre uma igreja visível e uma invisível não tem qualquer significado para a fé luterana” (SASSE, 2009, p.121,122). Werner Elert, por sua vez, demonstra que Lutero se refere, sim, à igreja como permanecendo invisível, no sentido de que, entre humanos, não há quem seja capaz de ver quem é santo ou não (ELERT, 1962, p.258). Por isso, a igreja deve ser crida. Ela não é invisível em um sentido platônico-idealista, decerto, mas está oculta para nossa capacidade de conhecimento (ELERT, 1962, p.261). Na obra *Confessando o Evangelho*, é reconhecido que Lutero usa os conceitos de igreja “invisível”, “espiritual” e “oculta” como sinônimos (KLUG e SCHMELDER, 2022, p.1009). Uma distinção é feita aqui também: “Embora a igreja possa ser considerada invisível quanto à identidade de seus verdadeiros membros, ela não é invisível em nenhum sentido platônico. Ela é uma realidade, uma comunidade existente ou comunhão de homens, mulheres e crianças que foram trazidos à fé em Cristo pelos meios da graça e pelo poder do Espírito.” (KLUG e SCHMELDER, 2022, p.991). A meu ver, está claro que a noção de invisibilidade da igreja, enquanto questão epistemológica, relacionada com nossa capacidade de discernimento sobre pertencimento à igreja ou não de cada pessoa, está subjacente à definição de igreja encontrada na Confissão de Augsburg. Isso, porque os luteranos sempre consideraram com seriedade a realidade da apostasia e da possibilidade de haver hipócritas/incrédulos participando dos sacramentos, o que está claro em Lutero, inclusive no próprio *Dos Concílios e da igreja* (LUTERO, 1992, p.407. Cf., também, por exemplo, LUTERO, 2000a, p.179,180) e na própria CA. É legítimo que se queira evitar o uso do termo “invisível” por um cuidado com possíveis confusões, mas, bem entendido, ele cabe muito bem para nossa

mas em relação íntima e inseparável com a igreja visível, presente neste mundo, de carne e osso. Como a alma humana não se faz presente neste mundo desconectada de um corpo, assim também a igreja oculta/invisível não se faz presente nesta vida sem a igreja visível (cf. NOLL, 1978).

O objetivo da reflexão do reformador precisa estar claro, para que não entendamos de forma equivocada a função que tem a lista proposta de marcas. Se não é, por exemplo, uma hierarquia, um tipo de veste ou a afirmação de uma autoridade o que define onde está a igreja neste mundo provisório, como eu poderia saber se, em determinado lugar, o que há é igreja ou não?

A primeira marca é a posse da palavra de Deus, que a tudo santifica. Não se trata de algo imperceptível. Lutero deixa claro que se refere à Palavra que é ouvida, que se vê que é pregada, confessada e cumprida. Se a Palavra é pregada, temos um sinal, uma marca, de que aí está o povo de Deus, pois Palavra e igreja não existem neste mundo uma sem a companhia da outra, conforme Lutero (LUTERO, 1992, p 410). Uma pessoa comum, de fato, pode perceber se a palavra de Deus é ou não pregada em um grupo. Assim também, obviamente, pode perceber a existência da segunda marca, o batismo, e da terceira, o sacramento do altar, “administrado, crido e recebido corretamente”. A quarta marca proposta talvez exija uma atenção mais detida do “pobre homem” em sua averiguação. Trata-se do uso das chaves: a administração do perdão dos pecados para os arrependidos, e a disciplina para os impenitentes. Provavelmente, não é em uma breve visita a um grupo que se vai perceber a seriedade com que se lida com as chaves. Não obstante, sim, é algo perceptível. A quinta marca, por sua vez, é novamente bem nítida: a consagração de servidores eclesiásticos. A sexta marca, a prática da oração e do louvor, é igualmente perceptível, ainda que exija alguma perspicácia para uma diferenciação necessária. Lutero faz questão de ressaltar que se refere “à oração e ao canto compreensível, por meio do qual se pode aprender algo e emendar-se” (LUTERO, 1992, p.421). Só o fato de haver música religiosa de qualquer

eclesiologia. Um motivo de incômodo nessa reflexão pode estar relacionado com a segurança que temos quanto àquilo que realizam os sacramentos. Aqui, contudo, entendo que devemos compreender que, nesse tema, há conversas diferentes conforme o âmbito: uma é a conversa pastoral, enquanto outra é aquela do entendimento eclesiológico. As duas são verdadeiras, mas se constituem como aplicações diferentes da mesma verdade.

tipo e prece desordenada não seria marca da igreja. A sétima marca pode ser a mais surpreendente: a santa cruz. E Lutero não fala de uma imagem, de um ícone, mas do sofrimento, da perseguição, tentação e mal que a igreja sofre da parte do diabo, do mundo e da carne. Qualquer pessoa que se dê ao trabalho de se interessar por um grupo percebe haver essa cruz em sua vivência neste mundo.

O reformador chama essas sete marcas de “sete artigos principais da santificação cristã” ou “sete meios de salvação” e os relaciona com “a primeira tábua de Moisés” (LUTERO, 1992, p.422), isto é, aos mandamentos que dizem respeito especificamente ao nosso relacionamento com o próprio Deus.⁵ Convém enfatizar: uma vez que essas marcas revelam a santificação, elas se relacionam diretamente com a feitura de um povo santo, a igreja. Ademais, uma vez que são “meios de salvação”, as sete marcas

5 É bom esclarecer que essa concepção da divisão física dos mandamentos em duas tábuas, com essa organização, isto é, com a primeira tábua contendo os mandamentos referentes ao nosso relacionamento com Deus e a segunda contendo os mandamentos referentes ao nosso relacionamento com o próximo, não é informada pelas Escrituras. É fato que a divisão figura claramente em Agostinho, que diz que três mandamentos se referem ao amor a Deus, enquanto os outros sete se referem ao amor ao próximo (AGOSTINHO, 1994, p.53). A distinção também pode ser percebida como subjacente às palavras de Paulo em Romanos 13.9,10, que trata somente da segunda parte (sem chamá-la, contudo, de parte ou se referir ao par de tábuas). Antes disso, e de modo até mais completo, encontro já em Filon de Alexandria uma noção semelhante àquela herdada por Lutero. Além de dividir os mandamentos em dois grupos de cinco (por exemplo, *Decal.* 106), Filon de Alexandria faz isso, também (*Quid Her.* 167-173) após se referir ao número das tábuas da lei, que seriam duas pelo fato serem duas as partes da alma a serem instruídas e corrigidas, a racional e a irracional. E passa a afirmar que o primeiro conjunto de cinco leis (em sua contagem, que tem como quinto mandamento o honrar pai e mãe) contém o que é justo para com Deus (*τὰ πρὸς θεὸν δίκαια*), enquanto o segundo conjunto, o que é justo para com os seres humanos (*τὰ πρὸς ἀνθρώπους*). Faz sentido considerar que Filon entende que a primeira tábua, destinada a educar a parte racional (literalmente, dotada de *lógos*) da alma, contém os mandamentos referentes às coisas sagradas, à justiça para com Deus, e que a parte irracional (desprovida de *lógos*) diz respeito aos relacionamentos. Afinal, no mesmo tratado, a parte irracional da alma é descrita como contendo os sentidos, indispensáveis para o relacionamento com o próximo, enquanto a parte racional é o intelecto, parte mais elevada que há em nós (*Quid Her.* 232). Na primeira metade do século 1º d.C., então, temos um modo de pensar sobre as duas tábuas bem assemelhável ao que Lutero carrega em seu pensamento. Porém, ressalto que essa forma de entender as duas tábuas não é sugerida pelo texto da Torah em si. Não há, ali, qualquer informação sobre o conteúdo de cada tábua. Inclusive, a partir da informação do conhecimento que temos hoje sobre as alianças feitas no Antigo Oriente Próximo, pode-se propor que “[o] Decálogo foi escrito em duas tábuas de pedra, de acordo com o antigo costume de prover uma cópia escrita para todas as partes de um tratado” (BLOCK, 2001, p.394). Ou seja, existe, inclusive, a ideia de que as duas tábuas contivessem o mesmíssimo texto. Como o texto bíblico não explicita nada a esse respeito, a interpretação permanece em aberto.

revelam justamente que a missão de Deus está acontecendo naquele povo em que são percebidas. É bom observar que não se tratam de características estáticas, de dados históricos ou de um ou outro aspecto estético. Cada uma das marcas é dinâmica e se percebe na vida da igreja.

Agora, quando falamos em vida da igreja e dinamicidade, faz sentido pensarmos no engajamento da igreja na missão. Por isso também, precisamos enfrentar as próximas perguntas: Por que Lutero deixa de mencionar missão entre as marcas da igreja? Seria por não ter interesse no assunto?

LUTERO DEIXA DE MENCIONAR MISSÃO POR NÃO TER INTERESSE NO ASSUNTO?

Não é raro que se acuse Lutero de pouco interesse pelo assunto missão, como foi comum fazer no século passado entre estudiosos da missiologia (cf. HURLEY, 2017, p.68,69). Justamente, nesse suposto pouco interesse, poderia estar uma explicação para a ausência da missão entre as marcas da igreja. Essa ausência, na verdade, seria mais uma evidência de um desprezo do reformador por algo tão fundamental para a vida da igreja, um reflexo do seu não envolvimento prático em expedições missionárias. Contudo, a alegação do desprezo ou desinteresse não se sustenta, de fato.

Anselmo Graff e Evaldo Pauly observam que a comum acusação se estabelece a partir de um conceito de missão restrito à ação humana de ir a povos distantes para fomentar ali a conversão, o qual está superado desde meados do século passado (GRAFF e PAULY, 2018, p.344). Adiante, os autores demonstram que, em suas preleções sobre o Gênesis, Lutero encontrava nos patriarcas um exemplo de esforço em favor da divulgação da fé entre seus vizinhos (GRAFF e PAULY, 2018, p.348). Parece-me pertinente considerar que o reformador só faz esse tipo de leitura das histórias dos patriarcas por uma visão que tem a partir de seu próprio contexto, afinal, as narrativas do Gênesis em si dificilmente nos conduzem a tal percepção. Isso é indício de que ele tinha, sim, interesse na expansão da mensagem em seu tempo.

Que Lutero não ignorava a importância da proclamação da mensagem de Cristo para os que a ignoravam está claro, por exemplo, em um notável trecho da apresentação que escreve para a sua *Missa Alemã*, quando discute

as três formas de culto. Decerto, em 1520, n' *O Cativoeiro Babilônico* da igreja, Lutero já defendia o uso do vernáculo na celebração da Missa, com vistas a despertar a fé no povo reunido (LUTERO, 1989, p.373). Contudo, na metade daquela mesma década, ao apresentar a Missa Alemã, defende a manutenção do uso da missa em latim, nos seguintes termos:

Há três tipos [distintos] de culto ou missa. Em primeiro lugar, uma em latim, que publicamos anteriormente, e que é denominada *Formula Missae*. Esta eu não quero ter revogado nem modificado com o presente [escrito]: deve haver liberdade para utilizá-la da forma como a celebramos até agora entre nós, sempre que nos aprouver ou houver razão para tal. Pois de forma alguma pretendo deixar que a língua latina desapareça totalmente do culto; afinal, o que me importa sobretudo é a juventude. E, se estivesse ao meu alcance e as línguas grega e hebraica nos fossem tão familiares quanto a latina, e se nessas línguas existissem tantas boas melodias e cantos quanto no latim, então se deveria celebrar, cantar e ler missa em todas as quatro línguas – alemão, latim, grego e hebraico – em domingos sucessivos. De forma alguma concordo com aqueles que apostam apenas em uma língua, desprezando todas as outras. Pois eu gostaria de educar jovens e pessoas que pudessem ser úteis a Cristo e falar com as pessoas também no estrangeiro, para que não nos suceda como aos valdenses na Boêmia, que aprisionaram sua fé em sua própria língua a ponto de não conseguirem falar de forma inteligível e clara com ninguém, a não ser que antes se aprendesse seu idioma. Não foi assim que o Espírito Santo procedeu no início. Ele não esperou até que todo mundo viesse a Jerusalém e aprendesse hebraico, mas concedeu toda espécie de línguas para o ministério da pregação, de modo que os apóstolos pudessem falar aonde quer que chegassem. Este exemplo é que prefiro seguir; além disso, é conveniente exercitar a juventude em muitas línguas. Quem sabe como Deus irá usá-la com o tempo? Para isso é que existem escolas (LUTERO, 2000a, p.178,179).

Embora comece tratando da missa em latim especificamente, Lutero termina falando de exercitar a juventude em “muitas línguas”, porque tem em vista um possível contato com pessoas estrangeiras em região incerta. É interessante que ele veja nessa atitude um prosseguimento do que foi feito pelo Espírito Santo no início, remetendo-nos obviamente ao começo

do livro de Atos. A isso se soma a interrogação: “Quem sabe como Deus irá usá-la com o tempo?” As pessoas cristãs, querendo ser “úteis a Cristo”, estariam, conforme esse plano, dotadas de certas habilidades que poderiam ser úteis em circunstâncias futuras, não por acaso, mas por oportunidades oriundas da ação de Deus.

Pode-se afirmar, de fato, que Lutero não se empenhou no envio de missionários para terras distantes. Contudo, não se pode afirmar que ele era indiferente ou contrário à ideia de propagação da mensagem a diferentes povos. Inclusive, Werner Elert muito bem alerta para o fato de que a ideia de que a igreja de seu tempo estaria desobrigada de pregar entre gentios, porque os apóstolos já teriam cumprido cabalmente tal tarefa, é estranha a Lutero (ELERT, 1962, p.386, 387).⁶ De fato, Lutero não ignora que havia regiões até o seu tempo inalcançadas, e refere-se ao fato de haver territórios recém-descobertos que permaneceram carentes do evangelho por mil e quinhentos anos (cf. FISCHER, 2001, p.7). Isso pode redirecionar um pouco nossa investigação.

Vimos que havia, sim, um marcante interesse de Lutero no alcance da mensagem cristã. Esse interesse, inclusive, tem repercussão na sua opinião e atitude para com os idiomas. Mesmo quando temos como subjacente ao assunto missão a noção mais antiga, vinculada irrevogavelmente a povos distantes, não é correto dizer que Lutero absolutamente ignorava o tema. Como isso pode ser coerente com a não estruturação de um projeto missionário com vistas a alcançar as terras recém-descobertas (na perspectiva europeia) das Américas, por exemplo?

Começo a responder a essa pergunta com outra: “Não cuidar de fazer a missão chegar a *um ou outro lugar específico* significa não fazer missão com vistas a alcançar os descrentes?” E reconheço que alguém poderia devolver-me a palavra com uma tréplica também em forma de pergunta: “Mas onde é que Lutero empreendia um trabalho missionário, então?” A resposta é óbvia, mas precisa ser enunciada: A própria região em que Lutero se encontrava era vista como campo missionário. Scott Hendrix

6 Contrariamente ao que entendia Lutero, no século 16, os teólogos da Faculdade de Teologia de Wittenberg se levantaram contra a ideia da necessidade de engajamento missionário para com outros povos alegando que Mateus 28.18-20 trazia uma ordem dada somente aos apóstolos e por eles cumprida, de modo que nações não cristãs existentes seriam aquelas que rejeitaram antes a mensagem apostólica (cf. DIETZ, 2022, p.163).

é muito perspicaz ao demonstrar que o reformador de Wittenberg (assim como outros, também) percebia seu contexto como sendo de cristianização precária, o que tornava necessária uma recristianização urgente (HENDRIX, 2000, p.67, 68, 71). Embora, de fato, a presença da igreja fosse sentida em certos aspectos da cultura, faltava na piedade popular muito do que caracterizava um cristianismo autêntico (HENDRIX, 2000, p.69).

Esse cenário fazia com que a própria região germânica habitada por Lutero fosse considerada um espaço carente de esforço missionário.⁷ Hendrix nos ajuda pontualmente nisso também:

[A] Reforma também entendia a si mesma como um movimento missionário. Uma vez tomado por um senso de urgência, Lutero escolheu a missão apostólica narrada em Atos como um paradigma cristão antigo para o movimento de Wittenberg. Desde seu exílio no Castelo de Warturgo em 1521, Lutero escreveu a Filipe Melanchthon, comparando Wittenberg a Antioquia, e seus colegas aos antigos missionários cristãos: “Você ensina. Amsdorf ensina. Jonas vai ensinar. Você quer que o reino de Deus seja proclamado somente na sua cidade? Os outros também não precisam do evangelho? Sua Antioquia não vai enviar um Silas, ou um Paulo ou um Barnabé para algum outro trabalho do Espírito?” (HENDRIX, 2000, p.70).⁸

Desprovida de um ímpeto acusador, qualquer pessoa pode perceber que Lutero tinha urgência por alcançar seu campo missionário mais acessível, o que certamente o ocupava à exaustão. Além disso, é bom reconhecer que alçar voos ainda mais longínquos seria algo muito difícil para a situação em que o reformador se encontrava.

Hurley aponta três fatores que impediriam Lutero de uma iniciativa desse tipo. Dois seriam os motivos teológicos, que se relacionam com o que se encontra em Hendrix: o entendimento de Lutero sobre a imperiosa tarefa de se reformar a igreja e a sua autocompreensão como pastor local responsável pela nutrição de uma congregação por Palavra e sacramentos. Além disso, haveria um importante motivo circunstancial/temporal, que

⁷ Ainda no continente europeu, além da população precariamente cristianizada, Lutero encontrava como alvo de missão os turcos e, em um primeiro momento, os judeus (cf. FISCHER, 2001, p.13,14).

⁸ A carta citada está em LW, v.48, p.262.

seria a condição de “fora da lei” perseguido que ele enfrentava (HURLEY, 2017, p.69-72). Thorsten Prill enfatiza outro dado circunstancial bem relevante: a região em que Lutero atuava não tinha fácil acesso ao mar, e os governantes que apoiaram a Reforma não tinham conexões comerciais ou atuação política em regiões distantes, como acontecia com nações de importante presença da igreja romana (PRILL, 2017, p.25,26).

Nesse contexto de necessidade nas proximidades e grande dificuldade para acesso a outros lugares, é muito compreensível a concentração de esforços missionários em uma região específica, a do seu próprio entorno. A insistência em um Lutero avesso à missão pode ser considerada fruto de ignorância ou ímpeto caluniador.

O MOTIVO DE MISSÃO NÃO FIGURAR ENTRE AS MARCAS DA IGREJA

Então, se Lutero tinha interesse em missão, por que não a mencionou como marca da igreja? Seria por já ter chegado a um número máximo com as sete que elenca? É óbvio que não. Precisamos observar que o número de sete marcas não é imposto pelas Escrituras. Lutero estava, portanto, livre para listar uma quantidade diferente. Inclusive, ele o faz quando, em outro contexto, em *Contra Hans Worst*, apresenta onze e não somente sete marcas da igreja, como sinais de que a igreja está vinculada à igreja antiga, não sendo uma inovação (cf. FISCHER, 1966, p.167, 168). Isso nos faz lembrar, por sinal, de que nós também estamos autorizados a expandir a lista. Só precisaríamos fazer isso de forma consciente e coerente com a proposta da lista em si.

No texto mesmo em que elenca as sete marcas, o próprio Lutero menciona a possibilidade de expandir a lista, avançando da primeira à “segunda tábua”, isto é, observando como somos santificados no que diz respeito ao nosso relacionamento com o próximo, no nosso dia a dia. Aqui, talvez, encontrássemos o ensejo para uma marca da igreja tendo como título: “A missão para alcançar os que se perdem” ou algo assim. Decerto, uma forma de amar o próximo, aliás, uma forma importantíssima, é fazer chegar a ele a salvação que há em Jesus. Essa ou outra marca formulada de modo semelhante e abarcando a missão poderia estar acompanhada do amparo ao próximo em suas necessidades ou ao cultivo da verdade. É oportuno,

então, entendermos o motivo de Lutero não estabelecer marcas a partir da segunda tábua. Isso pode nos ajudar a entender, também, o motivo de ele mesmo não inserir a missão como marca. Além disso, pode nos ajudar a considerar melhor a possibilidade de um adendo de nossa parte.

Como visto, Lutero cogita uma expansão da lista. Contudo, não dá esse passo. E explica:

No entanto, tais sinais não podem ser considerados tão seguros quanto os anteriormente mencionados, visto que também alguns pagãos se exercitam em tais obras e às vezes parecem mais santos que os cristãos. No entanto, seu agir não procede de um coração puro e singelo, por amor a Deus; eles têm outros interesses nisso, porque não têm fé verdadeira nem conhecimento de Deus (LUTERO, 1992, p.423).

A consideração faz muito sentido. Se o que se pretende com as marcas listadas é a identificação da presença da igreja, não faz sentido inserir algo que pode ser confundido com o que pessoas que não fazem parte da igreja praticam. E veja que Lutero reconhece que há uma diferença entre a ação de gente da igreja com relação à ação de gente de fora da igreja. Contudo, a diferença não está no que é perceptível, mas no coração, o que não pode ser escrutinado pelo “pobre homem”.⁹ Deus mesmo conhece a diferença

9 Alguém pode discordar, indicando que é possível, sim, verificar o conteúdo de uma proclamação da Palavra para com os de fora. Isto é, seria possível averiguar a qualidade da mensagem pregada por um grupo aos de fora, de modo que esse compartilhamento seria algo distintivo com relação ao que fazem outros grupos. Concedo que, sim, em alguma medida, apesar de certa dificuldade prática, é possível a averiguação. Parece-me que alguns problemas permanecem, contudo: mesmo com o conteúdo averiguado, eu me questiono sobre a pertinência de uma marca específica desse tipo. Vários são os grupos que fazem um esforço missionário, anunciando a salvação em Jesus, no que estão certos, mas que o fazem por outros interesses, que tornam tais grupos muito mais parecidos com empresas do que com a igreja. Pode acontecer, também, de observarmos a conversa de um de seus missionários no campo e julgarmos ter ali uma marca, mas nos frustramos em seguida, ao vermos que outras tantas das marcas estão ausentes no grupo em questão. Nosso contexto religioso me sugere fortemente uma inadequação dessa hipotética marca, embora, obviamente, Lutero tenha em mente outro contexto em sua elaboração. Além disso, ressaltou o já mencionado risco de que, a partir de um critério assim colocado, a igreja em um ou outro lugar seja apressadamente julgada, sem que se perceba que a missão ganha características diferentes conforme o contexto. Por outro lado, a partir dessa questão sobre a qualidade da Palavra em seu compartilhamento, proponho que, em vez de pensarmos em uma oitava marca, poderíamos explorar mais ou até expandir a explicação da primeira marca, incluindo nela a abertura, a generosidade no compartilhamento da Palavra que se possui. Entendo que seria um movimento mais prudente e útil.

entre uma obra e outra, assim como conhece a fé viva no coração de uma pessoa e sua ausência no coração de outra. Para Deus, basta isso para a identificação da igreja, inclusive de cada um que constitui essa igreja. Para o ser humano, são necessárias marcas a ele acessíveis. As sete são, segundo Lutero, suficientes, de tal forma que ele pode asseverar, fazendo o elo entre essa reflexão e o tema dos concílios:

Agora sabemos com certeza o que é e quem é a Santa Igreja Cristã e onde ela se encontra, isso é, o povo de Deus santo e cristão. Não há possibilidade de errar, disso estamos certos. Todos os demais artigos além desses podem falhar e falham com certeza, como ouviremos em parte. É desse povo que se deveriam escolher pessoas para o concílio, e então teríamos um concílio que seria governado pelo Espírito Santo (LUTERO, 1992, p.423).

Não vamos tratar da questão dos concílios aqui, porque nosso assunto é outro. Cabe, sim, ressaltar: Lutero parece não mencionar a missão por esse motivo, isto é, por não poder ser uma marca realmente perceptível e distintiva. E isso é facilmente compreensível, se considerarmos nossa realidade, na qual vemos grupos que não são igreja de Cristo, mas fazem aparentemente missão, inclusive mencionando o nome de Jesus.

AINDA DIREMOS QUE A MISSÃO PODE SER UMA MARCA?

Parece-me suficientemente claro que não faria sentido que Lutero mencionasse a missão entre suas sete marcas da igreja ou mesmo que expandisse a lista para a acolher. Sua proposta, bem entendida, não seria coerente com isso. Agora, cabe pensarmos se seria útil refazer a lista, com uma proposta levemente diferente, para fazer caber ali algum destaque para o tema.

Se nós também chamássemos os itens da lista de “marcas” ou “sinais” da igreja, querendo que, a partir deles, pudéssemos identificar a presença da igreja em um lugar ou grupo, entendo que incluir missão entre eles nos faria correr um sério risco. Poderíamos olhar para diferentes grupos, no intuito de discerni-los como igreja ou não, procurando atitudes específicas tidas como missionárias, sem considerarmos que a missão se realiza de

diferentes formas em diferentes contextos e circunstâncias. Muito facilmente, incorreríamos em erros de julgamento semelhantes ao erro que faz com que muitos acusem Lutero de ser avesso à missão.

Portanto, também nós, a meu ver, não deveríamos incluir a missão como marca da igreja.¹⁰ Isso, contudo, não deve nos fazer pensar que o tema seja secundário. Sua ausência na lista está longe de indicar sua pouca importância, uma vez que, a bem da verdade, todas as sete marcas apontam para a missão de Deus em realização. A missão não é uma das sete marcas da igreja, mas as sete marcas da igreja podem ser, ao mesmo tempo, marcas da missão.

QUAL O LUGAR DA MISSÃO COM RELAÇÃO À IGREJA (E VICE-VERSA)?

Igreja é o nome do conjunto de pessoas que ouvem a Palavra e que, por ela, são santificadas.

Ouso afirmar que, quando procuramos a missão, devemos olhar para o mesmo objeto, agora, porém, não considerado como grupamento humano alcançado pela palavra, mas como acontecimento. Missão, hoje, é a igreja enquanto acontecimento. A igreja é missão.

Reconheço que posso ter dado uma resposta consideravelmente intensa de modo um tanto abrupto. Façamos, então, um breve percurso de reflexão. Depois, voltaremos a essa afirmação inicial, oferecendo uma opção amenizada, talvez.

Qualquer leitor das Escrituras pode reconhecer o lugar da igreja na história da salvação. Um exercício interessante para recordá-lo pode ser ler em conjunto dois trechos específicos, muito distanciados cronologicamente (e, também, canonicamente), mas com um forte vínculo temático.

Uma promessa é feita a Abraão em Gênesis: “E serão benditas em ti **todas as famílias da terra** (כָּל מִשְׁפָּחַת הָאָדָמָה)” (Gn 12.3). Quem continua lendo o relato, reconhece muito facilmente que não se dá na vida de Abraão em si, na sua biografia, isso de serem benditas nele todas as famílias da terra. Trata-se de uma amplitude muito mais extensa que as peregrinações

10 Especialmente se, como me parece ser praticamente inevitável, a lista de Lutero permanece como uma referência para a nossa. Para dizermos que a missão é uma marca da igreja, teríamos que formular outra lista, com outro propósito, desvencilhada da proposta do reformador.

do patriarca. A promessa feita a Abraão apontava para desdobramentos posteriores, especialmente para a vinda de Cristo. Lutero, por sinal, entende que Abraão, ao ouvir tal promessa, teria podido compreender em seu pensamento até mesmo a necessidade da encarnação de Deus (LUTERO, 2014, p.361).

Uma visão é dada a João no Apocalipse: “Depois disso, olhei e eis uma abundante multidão (ὄχλος πολύς), a qual ninguém era capaz de contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas (ἐκ παντὸς ἔθνους καὶ φυλῶν καὶ λαῶν καὶ γλωσσῶν), de pé (ἑστῶτες) diante do trono e diante do cordeiro, vestidos de túnicas brancas e com ramos em suas mãos” (Ap 7.9). Não se trata somente de gente de toda a terra contemplando o poder de Cristo. Essa variada multidão é formada pelos que lavaram as suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7.14). Esses, só esses são os que podem estar de pé diante dele. Isso responde ao dramático e angustiante questionamento que encerra o trecho anterior: “Veio o grande dia da ira deles [do que está assentado no trono e do Cordeiro]. Quem pode permanecer de pé (σταθῆναι)?” (Ap 6.17).¹¹

Decerto, entre os dois momentos, isto é, entre promessa e realização, muita coisa precisará acontecer, para que o mundo todo não permaneça preso à angústia e terror em face do dia da ira de Deus. De início, nós temos a feitura de um povo no Egito, para que, do meio dele, viesse o Cristo. Não obstante, até aqui, não vemos o caráter abrangente da bênção prometida se realizar claramente. Isso se dará, justamente, a partir do envio de Cristo da parte do Pai, e do envio dos seguidores de Cristo por parte deste mesmo. Mateus 28.19, o pequeno discurso conhecido como grande comissão é, sim, o marco de uma nova realidade, que se efetuará com o envio do Espírito, por parte do Pai e do Filho. Inclusive, esse marco fica ainda mais destacado quando se lê essa fala de Jesus em contraste com o que ele mesmo diz em Mateus 10.5-6, ao instruir seus discípulos a *não* irem de encontro aos gentios e samaritanos. Naquela ocasião, ainda faltava uma mudança muito importante para que fronteiras se desfizessem radicalmente.

¹¹ Esse questionamento, fundamental expressão da condição humana diante do Deus verdadeiro, não é tecido somente no Apocalipse. Já nos profetas do AT, temos formulações muito semelhantes. Considere os seguintes trechos: “Diante da sua indignação, quem ficará de pé (הַיִּשְׁתָּדֵד)? E quem se erguerá no furor da sua ira?” (Naum 1.6) e “Quem é o que fica de pé (הַיִּשְׁתָּדֵד) quando ele aparecer?” (Malaquias 3.2).

O Espírito é capaz de romper barreiras existentes entre diferentes grupos, como se vê no milagre inaugural do Pentecostes. Estar exposto a um povo de língua estranha, diferente, podia ser visto pelo povo de Deus no Antigo Testamento como infortúnio, fazendo parte do juízo de Deus contra o povo em sua rebeldia (Is 28.11; Dt 28.49; Jr 5.15).¹² Agora, o povo de Deus se torna definitivamente “poliglota”, porque sua missão diante da humanidade como um todo o exige. Isso reflete – é bom dizer – o caráter mesmo e a disposição do próprio Deus. De forma muito bonita, Clemente de Alexandria escreve em uma das grandes obras “missionárias” da igreja Antiga, *Exortação aos gregos*: “O Salvador é polifônico e poliversátil para a salvação dos seres humanos” (*Exortação*, I 8,3).

Inserida no plano de Deus, a igreja enviada por Jesus no poder do Espírito Santo reconhece a si mesma como elo final da corrente entre a promessa (ouvida com Abraão) e sua plena realização (contemplada com João).¹³

Com tudo isso, não quero restringir o sentido de missão à internacionalização, ao alcance transcultural ou o que quer que expresse algo semelhante a isso. Quero, isso sim, destacar a abertura para todo ser humano, próximo ou distante geograficamente, igual ou diferente etnicamente. Quero ressaltar a intenção acolhedora para com toda gente, todas as famílias da terra.

O lugar da igreja na realização desse plano indica algo muito importante: A existência da igreja neste mundo se deve à missão de Deus e se justifica pela missão de Deus. Lutero o sabe bem: “Assim, o Espírito Santo permanece com a santa congregação, ou cristandade, até o dia derradeiro. *Por ela* nos busca e *dela se serve* para ensinar e pregar a palavra, mediante a qual realiza e aumenta a santificação, para que diariamente cresça e se fortaleça na fé e em seus frutos, que ele produz” (Catecismo Maior, Do Credo, 3º Artigo, 53, grifo meu).

Talvez, já possamos voltar à proposta inicial deste tópico, que pode ser formulada assim: a missão não é *uma marca* da igreja, mas igreja é

12 Cf. BOSMAN, 2013, p.572-577.

13 Não nego que o povo de Deus no Antigo Testamento tivesse parte na missão de Deus. Não obstante, há uma diferença muito grande em seu chamado missional que é, por assim dizer, centrípeto (GOHEEN, 2015, p.60). Isso fica claro até visualmente quando se contrasta a concepção de Templo antes e depois de Cristo. De um tipo é o Templo estático, localizado em um só ponto do mundo. De outro tipo é o Templo Corpo de Cristo, que caminha e se espalha sobre toda a terra.

missão de Deus acontecendo. Se isso ainda parece muito agressivo, concedo amenizar a noção, usando “missão” em um rótulo aplicado à igreja. Não lhe caberia o lugar de marca, certamente, mas, talvez sirva para expressar um atributo. Assim como a igreja é católica e santa, ela é *missional*. Nasce da missão. Vive na missão. Existe para a missão.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PENSADAS A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Uma parte da igreja pode não ter plena consciência de sua razão de ser. Pode, com zelo e com razão, cuidar de algumas das marcas da igreja em seu meio, sem compreender que essas marcas são meios de salvação para todas as pessoas. Pode imaginar a inusitada possibilidade de se fechar em si mesma por um ou outro motivo, como se satisfeita com o número dos que já estão na comunhão. Curiosamente, ao fazer isso, essa parte da igreja, que deixa de valorizar seu caráter missional, está ignorando a voz do seu Pastor, Jesus, deixando, também, portanto, de viver a santidade como deve ser vivida. Estranhamente, seria o caso de um povo santo que não dá ouvidos à Palavra que o santifica.

Há elementos que, mesmo sendo diferentes, precisam coexistir para que a existência de cada um se mostre coerente. É assim que, conforme sabemos, agora permanecem a fé, a esperança e o amor (1Co 13.13), de tal forma que a fé nunca está desacompanhada desses outros dois (Fórmula de Concórdia, Epítome III, Afirmativa, 8). De modo muito aproximado, o favorecimento do alcance da missão de Deus para o próximo precisará fazer parte da vida da comunidade que está na fé, visto que não desejar a salvação do próximo (e não agir em prol dela) é expressão de indiferença, desamor. Lutero reconhece essa relação entre amor e missão:

Se ele [o cristão] estiver num lugar em que não há cristãos, não é necessária qualquer convocação senão o simples fato de ele ser cristão, convocado e ungido interiormente por Deus. Nesse caso, **tem a obrigação** de pregar a pagãos ou não-cristãos que estão no engano e ensinar-lhes o Evangelho **por dever de amor fraternal**, mesmo que nenhuma pessoa o convoque para esse fim. Assim agiu Sto. Estêvão, At 6[.8,10], 7[.2ss.], que de forma alguma fora incumbido do ministério de pregação pelos apóstolos, mas assim

mesmo pregou e realizou grandes sinais entre o povo. No mais, da mesma forma agiu Filipe, o diácono, companheiro de Estêvão, At 8[.5], sendo que ele tampouco fora incumbido do ministério da pregação. De igual modo procedeu Apolo, At 18[.25s]. Pois num caso desses, um cristão enxerga, **em amor fraternal**, a necessidade das pobres almas em perigo e não espera que príncipes ou bispos lhe dêem ordem ou cartas [de recomendação], porque a necessidade rompe todas as leis e não tem lei. Assim, **o amor tem o dever de ajudar** onde, no mais, não há ninguém que ajude ou devesse ajudar (LUTERO, 2000b, p.32. Grifo meu).

A igreja que é santa é, também, missional, porque a santidade da igreja se sustenta, como visto antes em Lutero, em perdão e correção da sua caminhada para viver em conformidade com a vontade de Deus. E salvar é a vontade do Deus que ama a humanidade.

É raro o uso do substantivo *φιλανθρωπία* – *philanthropia* no Novo Testamento. Com respeito a Deus, aparece somente em Tito 3.3,¹⁴ que fala de quando “se manifestaram a bondade e a *philanthropia* de Deus, nosso Salvador”. Apesar de raro no cânone, o termo expressa de modo muito claro a disposição amorosa de Deus para com o ser humano revelada em Cristo Jesus. Não é de se estranhar que essa palavra tenha sido acolhida de modo nada raro na igreja que escrevia e cultuava em língua grega, em suas cartas, tratados teológicos e liturgias.¹⁵ Deus é aquele que ama a humanidade. E a igreja, agindo conforme a vontade de Deus, procura expressar essa mesma disposição, esse amor, essa vontade de fazer a salvação alcançar os seres humanos.

Por fim, alguém poderá se lembrar de 1João, que coloca o amor como evidência da comunhão com Deus, e questionar a restrição que Lutero faz ao uso da “segunda tábua” em suas marcas da igreja. Se João usa o amor

14 O substantivo aparece somente mais uma vez, em Atos 28.2, onde diz respeito à atitude entre humanos. Também assim, é usado o advérbio correlato, *φιλανθρώπως*, em Atos 27.3.

15 Parece-me que o primeiro uso pós-NT se dá na Epístola a Diogneto. O termo é usado, também, por exemplo, na já referida *Exortação aos Gregos*, de Clemente de Alexandria. Além disso, figura com certa abundância em antigas ordens litúrgicas, como naquela atribuída a Tiago, irmão de Deus, e naquela de João Crisóstomo. Não só o substantivo é associado a Deus, mas também o adjetivo correlato, *φιλάθρωπος* – *philánthropos* o caracteriza. A igreja reconhece, entre seus intelectuais no trabalho com as letras e entre o povo na sua participação na liturgia, o notório amor de Deus pelas pessoas.

como marca, por que nós não o faríamos? Um ponto importante, aqui, é considerar se essa evidência do amor é proposta por João para que as pessoas observem grupos ou indivíduos do entorno, realmente. Entendo que o texto joanino nos encaminha muito mais a uma autoavaliação, a uma consideração de nós mesmos, individualmente ou como grupo, do que a um discernimento sobre outros. Por isso, enfaticamente, exorta e anima a igreja: “Amemos!” Nesse sentido, isto é, no âmbito de uma reflexão sobre si mesmo, um grupo pode avaliar sua disposição missionária, sua abertura e seu empenho para a salvação do próximo, seu amor pelos seres humanos, para averiguar sua coerência com a fé confessada e nutrida na vivência comunitária de Palavra e sacramentos.

A missão não é exatamente uma marca da igreja. Agora, a questão do engajamento na missão pode, sim, ser para um grupo cristão, um marco importante para sua própria autorreflexão, um marco oportuno para o arrependimento, muitas vezes. A igreja precisa sempre ter ouvidos atentos para a voz do seu Senhor. A igreja precisa sempre querer ser a igreja que é para ser.

A partir de tudo isso, repito a resposta pretendendo uma nota adicional: Se precisamos dizer o que é a missão para a igreja, parece mais adequado não a elencar como uma de suas marcas, mas vê-la como um atributo: A igreja é missional.

Reconheço que essa formulação, embora mais adequada, pode soar redundante. Missão e igreja se conectam de tal forma que o adjetivo “missional” não pode ser proposto como um adjunto opcional.¹⁶ Pensar a igreja sem seu aspecto missional é desentender sua existência. A redundância, porém, pode ter uma validade didática. Dizer que a igreja é missional pode servir muito bem no sentido de convocar esse rebanho santo a sempre encarnar em sua prática cotidiana aquilo que é um dado irrevogável de sua essência, entendendo a si mesmo como instrumento da missão de Deus, como aventa Lutero, ou *locus* da missão de Deus, como formula Lesslie Newbigin (1989, p.128). Assim fazendo, nós temos um direcionamento inicial muito pertinente para que não ousemos pensar que somos nós que fazemos a missão acontecer, como se fôssemos nós os grandes agentes, ao mesmo tempo em que não nos fechamos com

¹⁶ Muito embora, o mesmo se possa dizer sobre os outros atributos da igreja, santa e católica.

indiferença à realidade de que Deus ainda realiza neste mundo sua missão entre nós e por meio de nós.

Por fim, como a igreja é o conjunto de todos os que ouvem a voz do Bom Pastor, dos que são crentes em Cristo Jesus, é possível, de certa forma, ainda, dizer de cada um o que se diz sobre o todo, sobre toda a igreja: Cada pessoa batizada é parte da missão e está em missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA *Hebraica Stuttgartensia*. Ediderunt K. Elliger et W. Rudolph. Editio quinta emendata opera A. Schenker. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BLOCK, Daniel I. Recovering the Voice of Moses: The Genesis of Deuteronomy. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v.44, n.3, September 2001, p.385-408.

BOSMAN, Hendrik. Psalm 114 as Reinterpretation of the Exodus During and After the Exile. *Old Testament Essays*, v.26, n.3, p.559-582, 2013.

CLEMENS ALEXANDRINUS. *Protrepticus und Paedagogus*. Herausgegeben [...] von Dr. Otto Stählin. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1905.

DIETZ, Martin. “O futuro de nossas Igrejas”: o desafio missionário, fundamentado na teologia luterana. *Estudos Teológicos*, v.62, n.1, p.161-180, 2022.

ELERT, Werner. *The Structure of Lutheranism*. Translated by Walter Hansen. St. Louis: Concordia, 1962.

FÍLON DE ALEXANDRIA. *Philo in ten volumes* (and two supplementary volumes). Translated by Francis Henry Colson and G.H. Whitaker. London: Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1929-1962.

FISCHER, Joachim. O Conceito “Igreja” de Lutero segundo seus Escritos “Dos Concílios e da Igreja” e “Contra Hans Worst”. *Estudos Teológicos*, v.6, n.4, p.161-175, 1966.

FISCHER, Joachim. Reforma luterana e missão. *Estudos Teológicos*, v.41, n.3, p.5-21, 2001.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: Luz para as nações*. Trad. Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GRAFF, Anselmo e PAULY, Evaldo Luis. A estrutura teológica missionária bidimensional de Lutero: Preleções sobre Gênesis e Gálatas. *Caminhos*, v.15, n.2, p.342-353, 2017. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/5726>> Acesso em: 31 maio 2024.

HENDRIX, Scott H. Rerooting the Faith: The Coherence and Significance of the Reformation. *The Princeton Seminary Bulletin*, v.21, n.1, p.63-80, 2000.

HURLEY, Tristan J. Missiologia Crucis: Martin Luther's Missiology. *Southwestern Journal of Theology*, v.60, n.1, p.67-82, 2017.

KLUG, Eugene F. E SCHMELDER, William J. A Igreja. In.: NAFZGER, Samuel H. et al. (Eds.). *Confessando o Evangelho: uma abordagem luterana da Teologia Sistemática*, v.2, p.961-1025. Trad. Rudi Zimmer. Revisão Paulo Moisés Nerbas. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

LUTERO, Martinho. Textos Selecionados da Preleção sobre Gênesis. Tradução de Geraldo Korndörfer. In: BRANDENBURG, Yedo (Ed.). *Obras Selecionadas*, v.12. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2014.

LUTERO, Martinho. Do cativeiro babilônico da Igreja; um prelúdio de Martinho Lutero. In: *Obras Selecionadas*. Volume 2: O programa da Reforma Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

LUTERO, Martinho. Dos Concílios e da Igreja. In: *Obras Selecionadas*. Volume 3: Debates e Controvérsias I. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992.

LUTERO, Martinho. Missa Alemã e Ordem de Culto – Prefácio de Martinho Lutero. In: *Obras Selecionadas*. Volume 7: Vida em Comunidade: Comunidade, Ministério, Culto, Sacramentos, Visitação, Catecismos, Hinos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000a.

LUTERO, Martinho. Direito e Autoridade de uma Assembléia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura. In: *Obras Selecionadas*. Volume 7: Vida em Comunidade: Comunidade, Ministério, Culto, Sacramentos, Visitação, Catecismos, Hinos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000b.

NEWBIGIN, Lesslie. *The Gospel in a Pluralist Society*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

NOLL, Mark. Martin Luther and the Concept of a "True" Church. *The Evangelical Quarterly*, v.50, n.2, p.79-85, 1978.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. rev. Münster: DeutscheBibel Gesselsachft, 2012.

PRILL, Thorsten. Martin Luther and Evangelical Mission: Father or Failure? *Foundations: An International Journal of Evangelical Theology*, n.73, p.21-50, 2017.

SASSE, Hermann. *Aqui nos firmamos: Natureza e Caráter da Fé Luterana*. Canoas: Editora da ULBRA, 2009.